



Projeto Geringonça e Hospital Criança Conceição: educação e saúde relacionadas em ação de extensão

Elisa Henriques da Motta; Daniele Noal Gai

Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - FAGED/UFRGS

E-mail: daninoal@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta a Geringonça para Brincar a partir de conceitos, percepções e afetos. Trata-se de um relato de experiência de prática extensionista do curso de Licenciatura em Pedagogia, com abordagem lúdico-pedagógica, realizada no Hospital Criança Conceição, um serviço que atende 100% de seus usuários por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). Os resultados obtidos demonstram que a formação em serviço é potencial para ambas as instituições, tanto para os profissionais em atuação hospitalar quanto para os estudantes em formação universitária. O Projeto Geringonça atua com a comunidade, realizando produções colaborativas, priorizando a escuta e promovendo intervenções pedagógicas significativas. Destaca-se, com isso, sua potência na formação inicial de estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e na formação em serviço de

servidores públicos das áreas da saúde e da educação.

Palavras-chave: Projeto Geringonça; Hospital da Criança; Educação e Saúde.

Resumen

Este artículo presenta la Geringonça para Brincar a partir de conceptos, percepciones y afectos. Se trata de un relato de experiencia de una práctica extensionista del curso de Licenciatura en Pedagogía, con un enfoque lúdico-pedagógico, realizada en el Hospital Criança Conceição, un servicio que atiende al 100% de sus usuarios a través del Sistema Único de Salud (SUS) de Brasil. Los resultados obtenidos demuestran que la formación en servicio tiene un gran potencial para ambas instituciones, tanto para los profesionales que actúan en el ámbito hospitalario como para los estudiantes en formación universitaria. El Proyecto Geringonça trabaja con la comunidad, promoviendo producciones colaborativas, priorizando la escucha activa y las intervenciones pedagógicas significativas. Se destaca así su potencia en la formación inicial de estudiantes de grado de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) y en la formación en servicio de funcionarios públicos de los campos de la salud y la educación.

Palabras clave: Projeto Geringonça; Hospital da Criança; Educación y Salud.

Geringonça para Brincar: uma introdução

A partir da Resolução nº 41, de 31 de outubro de 1995, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente estabelece uma série de direitos das crianças e dos adolescentes hospitalizados, entre os quais está o “direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”. Além dessa, outras portarias, resoluções e cartilhas se preocupam em desenvolver o atendimento humanizado e multiprofissional no Sistema Único de Saúde (SUS), visando ao atendimento integral de seus usuários.

A Política Nacional de Humanização do SUS (2003), por exemplo, “luta por um SUS mais humano, porque construído com a participação de todos e comprometido com a qualidade dos seus serviços e com a saúde integral para todos e qualquer um” (BRASIL, s.d.), e tem como diretriz o acolhimento, que “é construído de forma coletiva, a partir da análise dos processos de trabalho, e tem como objetivo a construção de relações de confiança, compromisso e vínculo entre as equipes/serviços, trabalhador/equipes e usuário

com sua rede socioafetiva” (BRASIL, 2003, p. 6–7). Tendo isso em vista, e com o objetivo de ampliar as atividades relacionadas às áreas de educação e saúde no campo da extensão universitária, o Projeto Geringonça [Pedagogias da Diferença e Ecologias da Vida] se dedicou, no ano de 2024, a realizar estudos nessa área, além de ações em parceria com o Hospital Criança Conceição (HCC).

Entende-se a importância de ter profissionais da educação, especialmente pedagogas(os), no ambiente hospitalar, tanto no contexto da recreação terapêutica quanto da classe hospitalar e do apoio pedagógico, pois é essa a profissão que tem a capacidade de “identificar e abordar as necessidades educacionais específicas da criança, integrando esses aspectos ao tratamento médico” (PERIN, 2024, p. 35). Além disso, a atuação do profissional com formação em Pedagogia pode abranger a classe hospitalar, a recreação terapêutica, a atenção integral e a promoção da saúde de crianças, adolescentes, adultos e idosos, além do atendimento em equipes de cuidado em saúde mental coletiva. Isso se deve ao fato de que “a interação constante entre a(o) pedagoga(o) e a equipe

de saúde não só enriquece o cuidado prestado, mas também promove um ambiente mais acolhedor para a criança” (PERIN, 2024, p. 36).

Assim, apresentamos neste artigo um pouco do que foram as práticas no HCC, alinhadas aos objetivos e valores do Projeto no semestre de 2024/2, a fim de registrar o início de uma parceria que visa a ampliar a relação entre educação e saúde no que tange ao cuidado humanizado e integral. Pretende-se, com esses relatos, ressaltar a importância de profissionais da Pedagogia no atendimento em um hospital pediátrico, em equipes multiprofissionais, e a potência de uma extensão universitária multidisciplinar.

O Projeto Geringonça: maquininha de afetos, percepções e conceitos

O Projeto Geringonça é uma iniciativa da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em atividade desde 2016. Ao longo desses anos, voltou-se para diversas demandas do contemporâneo que envolvem uma ética, uma estética e uma política; portanto, envolve uma filosofia e um modo de agir Geringonça, com conceitos como *ecologias da vida* (Guattari, 1985), *pedagogias da diferença* (Gai, 2021), *didática cartográfica inclusiva* e *artes integradas* (Gai; Koth, 2021). Trabalhamos interseccionalmente temas relevantes, como, por exemplo, educação, arte, saúde, deficiência, afeto e equidade, para uma educação e uma saúde acolhedoras e não discriminatórias.

No último ano, o projeto decidiu voltar-se para uma temática diferente, para além da educação especial na perspectiva da educação inclusiva (Gai, 2023) e da saúde mental antimanicomial (Gai; Matos, 2022), mas ainda articulada com a preocupação com a vida, com o cuidado, o afeto, a inclusão e o desenvolvimento integral. *O brincar de bebês e crianças pequenas com e sem deficiência* foi o fio condutor escolhido para guiar nossas práticas nos semestres de

2024/2 e 2025/1. Nesse sentido, ancoramo-nos em Maria Montessori (2019), Gilles Brougère (2010) e Gandhi Piorski (2016), para a fundamentação teórica, e iniciamos nossas ações de duas maneiras importantes e complementares. No âmbito da formação teórica e acadêmica, promovemos encontros de formação por meio da Escola Geringonça, durante os quais convidamos especialistas para palestrar em encontros gratuitos e abertos ao público. Já no campo prático da extensão, conseguimos atuar em dois turnos semanais, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2024, no Hospital Criança Conceição, realizando atendimentos e intervenções lúdicas para promover o desenvolvimento e o cuidado humanizado para as crianças, famílias e também para os funcionários e passantes do hospital, sobre os quais discorreremos a seguir.

As práticas em hospital da criança: o cuidado mediado por encontros alegres e intencionalidade lúdica

Iniciamos nossas ações extensionistas apresentando-nos, demonstrando, por meio de um detalhado planejamento e de referenciais teórico-metodológicos de autoria de participantes do projeto, a potência do cuidado mediado por encontros alegres e a intencionalidade lúdica do Projeto Geringonça. Começamos nossas práticas no HCC sob orientação da equipe pedagógica e diretiva do hospital. Recebemos a orientação de ocupar espaços de passagem, transição e espera dentro do hospital, pela preocupação de haver muitos espaços em que as crianças passam bastante tempo esperando por atendimentos clínicos e que poderiam ser ressignificados com nossas intervenções. Assim, concentramos a maioria dos nossos atendimentos nos ambulatórios de consulta e na sala de espera da Emergência. No entanto, quando não estávamos nesses espaços, auxiliávamos o pedagogo do hospital a realizar atendimentos na Internação Pediátrica, relacionando nossos conhecimentos pedagógicos, da graduação em Pedagogia, à

educação hospitalar, na avaliação de diagnósticos de aprendizagem e intervenções pedagógicas por meio de recursos lúdicos. Também realizamos reuniões periódicas da equipe do Projeto sob a orientação da Prof.^a Dra. Daniele Noal Gai e com a equipe de pedagogos e profissionais do hospital. Esses encontros de supervisão e orientação foram essenciais para qualificar e melhor direcionar nossos atendimentos.

Durante nossas primeiras passagens pelos locais de atuação, fomos à Emergência levando jogos e livros para propor às crianças. Logo que chegamos, uma senhora nos abordou relatando que nosso trabalho era muito valioso e o quanto os atendimentos na Recreação foram importantes para o neto dela enquanto ele estava internado. Assim, percebemos que, ao carregar brinquedos nas mãos, nos colocávamos em um lugar diferente de outros profissionais com jalecos brancos — um lugar com a capacidade de transmitir conforto, afeto e memórias de cuidado.

Ao todo, a equipe do Projeto Geringonça (composta por uma bolsista e uma estagiária curricular) realizou 18 atendimentos lúdico-pedagógicos com uma criança ou mais, nos locais mencionados acima e nos leitos da Internação Pediátrica, durante os meses de outubro, novembro e dezembro de 2024, com frequência de dois turnos semanais, como mostra o quadro a seguir:

Locais dos atendimentos	Número de atendimentos
Leitos da Internação Pediátrica	8
Ambulatório de consultas	3
Ambulatório cirúrgico	2
Emergência	3
Corredores/Hospital em geral	2

Os atendimentos na Internação Pediátrica eram realizados de maneira mais individualizada com cada criança, sob orientação do pedagogo, com o objetivo de avaliar algumas funções cognitivas e executivas e como estavam seus aprendizados, além de auxiliar na identificação de possíveis transtornos e/ou deficiências. Nos ambulatorios e na Emergência, realizamos propostas mais coletivas, buscando ressignificar o momento de espera daquelas crianças pelos atendimentos. Por fim, as ações nos corredores e em outros espaços do hospital foram mais itinerantes, feitas para ocupar, sensibilizar e voltar a atenção para detalhes despercebidos pela rotina.

Desses, alguns se destacaram pela explicitude com que nos mostraram, na prática, a importância de estudantes da área da pedagogia atuando em espaços hospitalares. Um deles foi o caso de Daniel, um menino de 8 anos, que atendemos com orientação do pedagogo. Ele relatou que Daniel estava em avaliação para um diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista), TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade) ou Déficit Intelectual, pois ele não realizava de maneira independente tarefas simples e cotidianas, como comer sozinho, tomar banho e vestir a roupa. A fim de avaliar suas potencialidades, suas necessidades específicas e, especificamente, sua cognição, propusemos que jogássemos jogos de raciocínio lógico. Ele compreendeu o jogo proposto e brincou

de maneira lógica, organizada e estratégica. Depois, brincamos de boliche para avaliar um pouco de suas habilidades de socialização

Figura 1 - Quadro que demonstra a quantidade de atendimentos realizados pela equipe nos diferentes espaços do hospital.
Fonte: Autoras, 2025.

com a equipe, sua capacidade de suportar frustrações caso perdesse e seu raciocínio matemático. Daniel também participou muito bem da brincadeira, comunicando-se com as estudantes do projeto, entendendo qual era a vez de cada um jogar, lidando com as situações de perda do jogo e contando corretamente quantos pontos havia acertado, somando esses aos pontos totais e subtraindo as diferenças de pontos de cada jogador.

Com essa tarde de brincadeiras com intenção pedagógica, pudemos concluir previamente que era improvável que Daniel tivesse TEA e/ou déficit intelectual, por conta das habilidades cognitivas e sociais que demonstrou brincando. Concluímos que a não realização de outras tarefas domésticas poderia vir da falta de incentivo, de motivação pessoal e oportunidade de realizá-las em casa, analisando também o contexto em que o menino se inseria. Ao final da discussão, Sérgio apontou a importância de realizar esse trabalho, pois: “É isso que fazemos aqui. Vemos como, através da brincadeira, a criança traz coisas que dificilmente um médico consegue ou tem tempo de ver.” Assim, destaca-se mais uma vez como um trabalho que o Projeto Geringonça teve o privilégio de testemunhar, observar, auxiliar e acompanhar.

Outro momento em que pudemos trabalhar com a essência do projeto e criar a nossa própria “Geringonça para Brincar” foi quando a bolsista Elisa da Motta organizou uma mediação de leitura do livro *Traquitana*, de Gabriela Romeu e Penélope Martins. O livro contava sobre uma vovó que transformava objetos em um montão de coisas mágicas; ela exaptava os objetos (Kurtz, 2024), criando brinquedos, instrumentos e poesia. Assim, decidimos nós também transformar um carrinho de limpeza do hospital em uma artimanha que carregasse os objetos dessa personagem tão ímpar.



Figura 2 - Carrinho da vovó Traquitana confeccionado pelas bolsistas e pela profª Daniele Noal Gai.

Fonte: Autoras, 2024.

Com essa geringonça que já desacomodava e chamava atenção pelos corredores neutros do hospital, nos deslocamos até o ambulatório de consultas, perguntando para as crianças se elas sabiam quem havia deixado aquele carrinho cheio de objetos ali, e os olhares curiosos surgiam e nos acompanhavam. Mostrando o livro, convidamos-as também para tentar ler conosco e descobrir se ele nos dava alguma pista. As crianças interessadas e que superaram a timidez em viver aquele momento inesperado no hospital se juntaram a nós em um cantinho. Os maiores ouviam com atenção a história e relacionavam os objetos que a personagem usava no livro com aqueles ali

presentes no carrinho. Os menores, por sua vez, já foram explorando os objetos da caixa e brincando de modo único e inesperado para nós, que deixamos os materiais livres para as intervenções que eles desejassem.

No final, propusemos que eles brincassem com os objetos ali ou criassem novas invenções para a senhora Traquitana. Eles fizeram bilhetes para a personagem, bonecos, juntaram peças e encaixaram, grudaram com fita e brincaram lindamente com aqueles materiais que nada tinham de brinquedos estruturados, fixos em suas funções, manufaturados em plástico, vendidos com marcas caras e personagens caricatos. Fomos ao encontro da tese de Piorski (2016) ao defender os brinquedos do chão, a natureza, o imaginário, a experimentação, as descobertas próprias do ato de brincar na infância. Foi rico, potente, lindo ver as crianças livres para criar e compondo suas próprias construções do jeito que achavam melhor, assim como a personagem fazia no livro. Esse entusiasmo permeou a nossa ação e, posteriormente, a nossa avaliação como equipe; contudo, também percebemos nas famílias, majoritariamente compostas por mulheres, o acolhimento para a proposta e uma alegria contemplativa ao encontrar a geringonça no hospital da criança. Com isso, lembramo-nos de Montessori (2019) e suas escritas em diários, relatando suas observações e contundente defesa em relação ao brincar livre e à livre escolha das crianças:

“A professora chegou um dia um pouco atrasada e havia esquecido de fechar o armário, viu que muitas crianças o tinham aberto e se agrupavam ao seu redor, depois cada uma delas pegava um objeto e o levava consigo. A professora julgou esse proceder como um instinto de furtar. As crianças que roubam, que faltam com respeito à escola e à professora demonstravam, segundo a professora, a necessidade de severidade, de educação moral. Interpretei que as crianças já conheciam tão bem os objetos que podiam escolhê-los sozinhas. E assim foi. Iniciou-se assim uma atividade animada e interessante: as crianças tinham desejos particulares e

escolhiam suas ocupações. Desde então foram adotados os armários baixos onde o material é posto à disposição das crianças, que escolhem segundo suas necessidades interiores. E foi assim que o princípio da livre escolha acompanhou o da repetição do exercício.

E a partir da livre escolha foi possível fazer observações sobre as tendências e sobre as necessidades psíquicas das crianças. Uma das primeiras consequências interessantes foi ver que as crianças não escolhiam todo o material científico que eu mandara preparar, mas somente alguns dos objetos, passavam a escolher quase sempre as mesmas coisas. Algumas com evidente preponderância, outros objetos, pelo contrário, ficavam abandonados e acumulando poeira. Eu apresentava todos os materiais e fazia com que a professora os oferecesse e explicasse seu uso, mas as crianças não os pegavam espontaneamente, então compreendi que no ambiente da criança tudo deve ser medido, além de ordenado, e que da eliminação da confusão e do supérfluo nascem justamente o interesse e a concentração” (Montessori, 2019, p. 144).

A partir dos apontamentos de Montessori (2019), consideramos necessário observar as crianças, investir ainda mais no planejamento, no estudo dos objetivos, na análise da potência dos materiais oferecidos para as crianças nas intervenções lúdico-pedagógicas do projeto. No caso dos bebês e crianças pequenas com deficiência e/ou hospitalizadas, não podemos partir da perspectiva de que cada um tem seu tempo, restringindo ou minimizando potencialidades; tampouco compreender que suas necessidades específicas os impedem de brincar, experimentar, vivenciar e socializar. A pedagogia na saúde (Gai, 2021) propõe uma ação pedagógica de cuidado relacional e experimental, porém artesaniada com intencionalidade, no exercício intelectual docente. Uma pedagogia que não se limita a uma teoria psicológica do desenvolvimento, uma vez que essas referências por vezes limitam as crianças a faixas etárias, estágios engessados, classificações, períodos do desenvolvimento normalizados e normalizadores.



Figuras 3, 4 e 5 - Exploração de materiais e mediação de leitura.

Fonte: Autoras, 2024.

As crianças escutam, têm escuta sensível, ficam atentas ao que é lido e dito a partir do livro e da saga da Vovó Traquitana. Elas demonstram curiosidade, criatividade, aproveitam as ferramentas: chaleira, xícaras pequenas, tampas de panelas, sombrinha, utensílios de jardim, fios de lã, agulhas de tricô e sanfona. As crianças com deficiência se aproximaram, algumas delas usando suas cadeiras de rodas; aquelas não oralizadas sorriam com imensidade, sorriam com os gestos, sorriam com o olhar. Todas aquelas crianças aproveitaram o encontro inesperado e alegre no corredor do hospital. Percebemos, portanto, uma grande interação e engajamento das crianças e de seus acompanhantes, que demonstraram estar felizes com nossa atividade, através da intenção de se aproximar e sentar bem próximo, saírem de suas consultas clínicas e voltarem para nosso cantinho, nos acompanharem pelos corredores até nos despedirmos para voltar em uma próxima visita “Traquitana”. Foi gratificante poder ter contribuído um pouquinho para que aquele tempo esperando uma

consulta que seria de tédio, medo ou desânimo se transformasse em um encontro feliz com a literatura e a brincadeira de maneira diferente e livre. Apesar de o objetivo desse encontro com a literatura no hospital não ser necessariamente terapêutico, reconhecemos que ele pode promover saúde na medida em que proporciona um ambiente acolhedor, de bem-estar, de tranquilidade, de relaxamento e de socialização, além de permitir que ela interaja e experimente. Assim,

“Os espaços de leitura propiciam o alívio de tensões e acarretam mudanças favoráveis no quadro psicológico das crianças, facilitando sua integração e de seus familiares com o corpo funcional do hospital, através da mediação de leitura. Permitem que crianças e jovens em situação de internação hospitalar tenham acesso a livros de qualidade e à leitura mediada; ampliam os espaços onde a leitura seja oferecida para as populações com menos acesso à leitura e menor possibilidade de aquisição de livros; facilitam a integração

das crianças e de seus familiares com o corpo funcional do hospital, através da mediação de leitura; e propõem a leitura como forma de prazer, favorecendo, assim, a familiarização com os livros.” (Moreira, 2018, p. 145)

Por fim, dentre os tantos atendimentos marcantes, vale destacar um último. Felipe, um menino de 11 anos, com comprometimentos nos movimentos dos membros superiores e inferiores devido a um tumor cerebral. Foi solicitado que fôssemos até ele contar uma história com alguns personagens de brinquedo, que trouxesse mais movimento à contação e ele pudesse interagir melhor. Escolhemos alguns super-heróis, pensamos em uma história e fomos até seu leito. Sua evolução sugeria que pudesse mover a cabeça; porém, ao atendê-lo na UTI, vimos que sua condição avançou, pois se comunicou conosco apenas utilizando o movimento dos olhos. Conforme fomos encenando com os personagens, ele acompanhava com os olhos, demonstrando prestar atenção e compreender a narrativa. Em momentos cômicos e mais efusivos da história, Felipe conseguia sorrir levemente com o canto da boca, e esse foi o sinal de que estava gostando.

Reflexões, resultados e futuros da formação Geringonça

Com base nesses relatos e reflexões sobre a extensão

universitária desenvolvida com estudantes do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), definimos novos planejamentos para a sequência das intervenções neste hospital 100% SUS da zona norte da capital, assim como a ampliação para mais dois hospitais da região central de Porto Alegre/RS. A formação, através de leituras, encontros formativos e trocas de experiências com profissionais e pesquisadores deste campo, também foi avaliada como relevante e seguirá sendo ofertada gratuitamente através de ação de extensão da Escola Geringonça, com ênfase no desenvolvimento integral, na escuta sensível e no brincar livre de crianças e adolescentes hospitalizados.

Destacamos que os resultados obtidos expandem o que a equipe do projeto conseguiu dimensionar e registrar até este momento (fevereiro de 2025); contudo, demonstram que a formação em serviço é potencial para ambas instituições, tanto para profissionais em atuação hospitalar quanto para os estudantes em formação universitária. O Projeto Geringonça atua com a comunidade, fazendo produções colaborativas, priorizando a escuta e intervenções pedagógicas significativas. Destaca-se com isso a sua potência na formação inicial de estudantes de graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na formação em serviço de servidores públicos do campo da saúde e educação. ◀

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Saúde. *HumanizaSUS*. Portal Gov.br. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-a-informacao/acoes-e-programas/humanizasus>. Acesso em: 16 jan. 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. *Política Nacional de Humanização – PNH*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_humanizacao_pnh_folheto.pdf. Acesso em: 4 fev. 2025.

HOSPITAL DA CRIANÇA CONCEIÇÃO (HCC). *Hospital da Criança Conceição e Grupo Hospitalar Conceição: 100% Sistema Único de Saúde (SUS)*. Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.ghc.com.br/default.asp?idMenu=unidades&idSubMenu=3>. Acesso em: 4 fev. 2025.

KURTZ, Diego. *A exaptação das coisas*. Semana de Inovação da ENAP 2024. Escola Nacional de Administração Pública. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2024/10/semana-de-inovacao-2024-da-enap-discutira-novas-formas-de-cuidar-das-pessoas>. Acesso em: 4 fev. 2025.

MONTESSORI, Maria. *O segredo da infância*. Campinas: Kirion, 2019.

MOREIRA DE CARVALHO, C. B. Biblioteca viva em hospitais: a importância da leitura como estratégia de humanização, a experiência do Instituto Fernandes Figueira. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 143–154, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/721>. Acesso em: 27 jun. 2024.

PERIN, Vitória Trentin. *Narrativas de pedagogas(os) em hospitais: entre apoio pedagógico, recreação terapêutica e classe hospitalar*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/279618#>. Acesso em: 23 fev. 2025.

PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.